

# GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO NA FORMAÇÃO DO TRADUTOR

Patricia Tuxi (UnB)  
ptuxiinterprete@gmail.com

Eduardo Felipe Felten ( IFG/UnB)  
dufelten@gmail.com

Palavras Chaves: Terminologia, Glossário, Tradutor Intérprete e Língua de Sinais e Formação.

## **INTRODUÇÃO**

O ingresso dos alunos Surdos nas instituições de ensino superior vem aumentando demasiadamente nos últimos dez anos. Uma breve pesquisa feita por Bisal et all pela Federação Nacional de Educação dos Surdos – FENEIS (2009) apresentou uma estatística sobre o aumento de alunos surdos no ensino superior e técnico. Porém resaltou que é preciso esclarecer que os Surdos já estudavam no ensino superior, contudo passavam despercebidos, pois não havia a obrigatoriedade de um acesso diferenciado para eles. Somente com a Libras sendo reconhecida pela Lei 10.436 no ano de 2002 e regulamentada pelo Decreto 5626 de 2005 o ambiente escolar se viu obrigado a mudar e oferecer como forma de acessibilidade, garantida por lei, a língua de sinais.

As Línguas de Sinais, de acordo com Castro Júnior (2011), proporcionam todos os componentes das línguas orais, como gramática, semântica, pragmática, sintaxe e outros elementos, preenche assim os requisitos científicos para ser considerada instrumental linguístico.

Com o reconhecimento da língua de sinais no meio educacional surge o profissional que irá fazer todo o processo de tradução e interpretação da LSB para o português o Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais – TILS

Segundo Rosa (2006) o TILS viabiliza a comunicação entre Surdos e ouvintes, identificando-se com o orador, exprimindo-se na primeira pessoa, sinalizando e

representando suas ideias e convicções, buscando imprimir-lhe similar intensidade e mesmas sutilezas que as dos enunciados em português oral.

Na necessidade de melhor cumprir sua função o TILS deve apresentar durante uma interpretação, é necessário que o mesmo participe de grupos de estudos, cursos de capacitação e aperfeiçoamento. O intérprete deve ter noção sobre o tema o qual ele irá interpretar. (Tuxi, 2009)

A autora afirma que é preciso também pontuar que, como a maioria dos intérpretes origina-se de ambientes religiosos, sua formação em língua de sinais é quase sempre limitada a um vocabulário utilizado neste ambiente. O TILS que sai desse ambiente e passa a atuar em outro deve buscar um novo aprendizado da língua no que diz respeito ao conteúdo que deverá ser interpretado.

Atualmente é possível encontrar intérpretes de língua de sinais nos mais diversos ambientes. A área de interpretação mais requisitada atualmente, entretanto, é a realizada em espaços educacionais, ou seja, escolas, faculdades e universidades (QUADROS, 2003).

Apesar dos treinamentos serem uma obrigatoriedade para a atuação do intérprete, pouco material ainda é produzido nesta área. Em um levantamento informal o que se encontra são bibliografias relacionadas à área da educação, onde o papel do intérprete e sua formação são discutidos e blogs contendo sinais utilizados por uma determinada região. Também podem ser citados dicionários bilíngues e trilíngues, mas que apresentam um cadastro de léxicos comuns e pouquíssimos especializados.

Essa escassez de material é um dos obstáculos encontrados pelo tradutor de LSB. Principalmente aquele que lida com o Surdo no ensino médio e superior onde à língua adquire uma característica mais específica com termos especializados utilizados constantemente na apresentação e elaboração de conceitos das áreas de ensino.

Tendo como solução para essa ausência de vocábulos em LSB especializados, como é apontado por Castro Júnior (2011), nos espaços educacionais onde os Surdos estão inseridos ocorre à criação de diferentes tipos de sinais, na tentativa de encontrar um sinal padrão. Com isso muitos sinais são criados em salas de aula, mas não são

validados ou mesmo disseminados junto à comunidade para uma possível avaliação e aceitação.

Nos estudos desenvolvidos na dissertação de mestrado Tuxi (2009) aponta que em um mesmo espaço educacional um termo apresenta a “variação” de quatro formas de sinal apresentados. Não por uma variação de significados ou mesmo percepção dos Surdos ali presentes, mas sim pelo uso diferenciado dos TILS que atuam como intérpretes educacionais e nos momentos de aula “convencionam” informalmente os sinais a partir do conceito apresentado pelo professor.

De acordo com Oliveira (2010) um dos motivos dessa variação de sinais são que os termos técnicos na língua portuguesa escrita ainda não possuem correspondentes na língua de sinais. Com o acesso do Surdo as diversas esferas de ensino superior o processo de tradução tem gerado uma extensa lista de verbetes com termos técnicos específicos da área acadêmica. A autora destaca também que o acervo lexical de todas as línguas se renova e com a LSB não seria diferente.

Fica clara a necessidade de uma organização, seja por meio de glossário ou dicionários dos termos de especialidade na LSB.

Uma autora que aponta a necessidade de se registrar e organizar esses novos termos é Faria – Nascimento (2009). Ela aponta que é preciso uma análise mais profunda e sistematizada por parte dos estudantes Surdos que participam de cursos de graduação a respeito dos processos de construção terminológica. Por meio desse processo o enriquecimento da LSB se torna rápido e a divulgação para os intérpretes permitirá uma maior adequação do processo de tradução ao contexto de uso.

Sem um material com base de estudo formal científico fica difícil que os TILS participem de formações onde haja uma compreensão dos termos utilizados no nível médio ou no nível superior.

Pesquisas já vêm sendo desenvolvidas nessas áreas. Pesquisadores com Castro Júnior (2011) criaram um banco de dados voltados para os termos de especialidade do ensino médio nas áreas de Geografia, Biologia, Matemática, Física, Química entre outras disciplinas que compõem o currículo do segundo grau. Oliveira (2010) também está trabalhando com os termos gerados pelo curso de Letras Libras, em uma parceria

com a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e mais 18 instituições de ensino públicas.

O presente trabalho entende a importância dos demais e vem se juntar com o objetivo de apresentar um breve estudo sobre a não só importância, mais necessidade da elaboração de glossários bilíngues, voltados para o TILS.

O interesse na área surgiu após as inúmeras observações feitas pela pesquisadora, profissional na área de Tradução e Interpretação da Língua de Sinais ao participar de momentos onde termos utilizados no ambiente acadêmico, foram traduzidos de forma diferentes e não variantes em turmas de pós- graduação e palestras por diversos intérpretes que ali atuavam profissionalmente. Após um breve levantamento foi possível constatar a existência de alguns dicionários terminológicos, porém sem uma vertente de esclarecimento dos termos para o uso de tradutores intérpretes da língua de sinais. Fica assim um espaço que necessita de pesquisas e a criação e sistematização de glossários que tenha como público alvo intérpretes de língua de sinais. Após essa constatação a pesquisadora iniciou um trabalho no intuito de organizar os passos para a elaboração desse dicionário.

Sendo assim o objetivo geral desta pesquisa é apresentar uma proposta de organização de um glossário que tem como público alvo tradutores intérpretes de língua de sinais. Para atingir esses objetivos foi feito um levantamento e análise de três dicionários bilíngues, amplamente divulgados no meio da língua de sinais; pesquisar os materiais de estudo utilizados por TILS que atuam em áreas acadêmicas e propor um modelo de ficha que poderá vir a compor um glossário.

## **JUSTIFICATIVA**

Este trabalho é desenvolvido em virtude da importância da criação de um instrumento, no caso o glossário, que auxilie aos profissionais que atuam na área de tradução e interpretação de língua de sinais. Estes necessitam buscar possíveis verificações e validações nos momentos de trabalho e até mesmo no aprendizado constante que se faz no dia-a-dia da interpretação. Faz-se necessário que o Surdo ao ingressar na academia onde há níveis de vocábulos específicos, tenha um profissional de TILS capacitado e com conhecimento das terminologias da área na qual vai atuar. Outro

ponto que justifica esse trabalho e a necessidade de entender como ocorre o processo de criação dos sinais para o repertório terminológico que é utilizado pelo tradutor como um instrumento de acesso do Surdo a informação técnica e científica que é passada no meio educacional. A proposta dos autores é que o glossário seja utilizado pelos novos TILS, que ingressaram na universidade evitando assim uma nova “combinação” dos termos utilizados na área.

Outro ponto que justifica esse trabalho é a regularização do repertório terminológico que é utilizada pelo tradutor como um instrumento de acesso do Surdo a informação técnica e científica que é passada no meio educacional. É preciso que o ato de traduzir deixe essa área informal de constituição de sinais aleatória ou seja, de “notório saber” envolvendo “convenções informais” para um espaço mais científico e acadêmico da terminologia na linguística. É necessário que haja uma forma de favorecer as traduções de palestras, textos e aulas que tenham o cunho técnico de uma forma mais sistematizada.

Outro ponto importante que justifica o trabalho é a ausência de materiais que auxiliem no processo de tradução do português para a língua de sinais de termos técnicos nessas áreas. O neologismo vem ocorrendo na Língua Brasileira de Sinais Brasileira, pois a cada dia a comunidade surda participa mais dos espaços sociais. Como consequência há um aumento nos acervos lexicais. É preciso que o TILS tenha contato com esses termos que vem sendo criados junto as comunidades surdas resultantes de discussões e criações de novos termos que atendem as demandas necessárias de comunicação.

Por fim mas não menos importante, se faz presente à justificativa de que este trabalho irá contribuir para as políticas linguísticas que auxiliam na forma de interação das comunidades surdas acadêmicas. De acordo com Castro Júnior (2011) a pedagogia visual ou técnicas baseadas nas metodologias viso-espaciais não são suficientes no que se refere as políticas publicas para a Educação de Surdos. Fica claro que esse mesmo pensamento deve ser considerado no caso da formação de tradutores, que por muito tempo teve pesquisas desenvolvidas na área educacional.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Para se falar na criação de um glossário é preciso entender a área que é responsável por este trabalho. O glossário é um produto terminológico, assim como o vocabulário, dicionários e normas terminológicas.

Segundo Pavel e Nolet (2002) o princípio da terminologia é estudo científico dos conceitos e termos usados nas línguas de especialidades.

De acordo com Faulstich (2003) a terminologia estuda o léxico de especialidade, por meio dos mecanismos que evidenciam os princípios linguísticos

Outro conceito apresentado é por Sager (1990) que concebe a Terminologia como um conjunto de práticas que envolvem a criação, a coleta, a explicação e a apresentação de repertórios em vários meios eletrônicos e impressos.

Este trabalho tem a Terminologia como o mesmo objeto de estudo que é a palavra que é utilizada tanto pela Terminologia, Lexicologia e Lexicografia.

Apesar de ter o mesmo foco de estudo o recorte de trabalho é diferente e possui métodos e análises diferenciados. As atividades de terminologia estão baseadas na elaboração de dicionários técnicos e científicos.

O foco do glossário bilíngue são os termos de especialidade. A língua de especialidade é constituída de um conjunto de convenções sociais e que está em constante evolução. Precisa então ficar claro que alguns termos de especialidade, devido ao uso comum, pode cair na língua geral.

Com base na Terminologia o glossário bilíngue será produzido utilizando os termos de especialidade. Este instrumento que consolidará uma série de conceitos específicos e da terminologia utilizada em uma especialidade determinada será um precioso trunfo para os alunos Surdos e para os tradutores/intérpretes de LSB, nos cursos de ensino superior nas áreas de Design de Moda, Gastronomia e Psicologia

## **METODOLOGIA**

Durante os estudos feitos foi possível perceber a importância da delimitação de uma teoria. Necessário entender que a pesquisa terá como base uma metodologia que

deve estar em concordância com o objeto de estudo que se tem e com os resultados que se pretende alcançar.

A pesquisa terá com vertente a Socioterminologia, tomando como foco Faulstich (1995a; 1995b). No plano de trabalho serão seguidos alguns passos como:

1) Reconhecimento e identificação do Público-alvo;

É fundamental que o especialista em terminologia conheça o perfil do usuário, para que o repertório terminológico que a equipe venha a elaborar se torne um instrumento de consulta útil e seja fonte de informação lexical e semântica de áreas específicas do conhecimento. Na pesquisa o público alvo são os Tradutores Intérpretes de Língua de Sinais – TILS que atuam no ambiente acadêmico.

2) Delimitação da área pesquisada ;

Nesta etapa foi necessário delimitar inicialmente os termos que serão traduzidos e a área a que eles pertencem. Esse trabalho teve como premissa de que para a elaboração do glossário é levado em conta o uso efetivo dos termos técnicos na linguagem cotidiana dos profissionais que ali estão envolvidos, considerando as variantes tanto no nível linguístico quanto no nível sócio profissional.

3) Coleta e Análise dos dados;

Inicialmente foi feito uma análise dos dicionários bilíngues existentes no intuito de localizar se possuem os termos escolhidos na etapa anterior e analisar a forma como eles são apresentados.

4) Organização do glossário;

Após a análise os autores elaboraram uma proposta de ficha terminológica no intuito de tornar claro o glossário com foco para tradutores intérpretes de LSB.

5) Teste de fiabilidade.

Foi apresentado para 4 TILS que atuam no meio acadêmico cinco termos utilizados no processo de ensino –aprendizado no meio universitário para posterior validação.

## **CONCLUSÃO**

O número de alunos Surdos no nível superior cresce a cada dia. Em virtude da Lei 10436 de 2002 e do Decreto 5626 de 2005, esses alunos passaram a ter o direito de utilizar a língua de sinais em sala de aula como a língua de instrução. Para atingir esse objetivo surge no ambiente educacional o tradutor e intérprete de língua de sinais.

Ao acompanhar um grupo de Surdos inseridos em uma Instituição de Ensino Superior – IES foi possível perceber a divergência entre alguns sinais feitos pelos intérpretes sobre os mesmos termos. Surgiram então questionamentos sobre a construção dos sinais e sobre os conceitos elaborados por cada TILS sobre os termos que estavam sendo interpretados. Com base em uma metodologia qualitativa e tendo a vertente na Socioterminologia de Faulstich (1995) foi realizada uma pesquisa que resultou na elaboração de uma proposta de glossário bilíngue de terminologia voltada para o Tradutor Intérprete de LSB.

Com a proposta de glossário foi possível constatar que o instrumento auxiliou muito os TILS presentes no espaço acadêmico e também outros TILS que acompanharam o trabalho. Em seguida com o teste de validade os intérpretes compreenderam que o instrumento poderia ajudar na compreensão do que estava sendo explicado. A pesquisadora percebeu que o impacto do glossário junto aos TILS foi grande e de importante valia para o processo de tradução interpretação e sua formação.

## **REFERÊNCIAS**

AGUIAR DOS SANTOS, Silvana. Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: Um estudo sobre as identidades. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós - Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina.

CASTRO JÚNIOR, Gláucio de, Variação Linguística em Língua de Sinais Brasileira – Foco no Léxico. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP

COKELY, D. Sign language: Teaching, interpreting, & educational policy. In Sign Language & the Deaf Community: Essays in Honor of William C. Stokoe. Ed. Baker & Batison, 137-158. Silver Spring, MD: The National Association of the Deaf, 1980.



- FAULSTICH, Enilde. Base metodológica para pesquisa em socioterminologia: termo e variação. Brasília: Universidade de Brasília/LIV, 1995a.
- FAULSTICH, Enilde. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. Ciência da Informação (artigos), [S.I.: s.n.], vol. 24, nº 3, 1995b.
- FELIPE, Tanya A. Libras em Contexto: Curso Básico: Livro Estudante. 8ª edição – FENEIS, Rio de Janeiro: Walprint Gráfica e Editora, 2007.
- FRISHBERG, N. Interpreting: An Introduction. Silver Spring, Md: Registry of Interpreters for the Deaf, Inc. Revised Edition, 1990.
- LEITE, Emeli Marques C. Os Papéis do Intérprete de Libras na sala de aula inclusiva. Editora Arara Azul, 2005
- MARTINS, Arlon Francisco Carvalho. Terminologia da Indústria do Alumínio. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras, Área de Concentração em Terminologia, Universidade Federal do Pará, 2007
- PAVEL, Silvia e NOLET, Diane, Manual de Terminologia – Adaptação para língua portuguesa por Enilde Faulstich, 2002.
- QUADROS, Ronice Muller de. O Tradutor Intérprete de Língua de Sinais e Língua Portuguesa. Secretaria de Educação Especial, Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC; SEESP, 2003.
- ROSA, Andréa da Silva. Tradutor ou Professor? Reflexão preliminar sobre o papel do intérprete de língua de sinais na inclusão do aluno surdo. PONTO DE VISTA, Florianópolis, n.8, p.75-95, 2006.
- TUXI, P. A atuação do intérprete educacional no ensino fundamental. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.